

Preconceito como Sinal de Hostilidade nas Relações entre Imigrantes: O Caso de Caxias do Sul-RS, Brasil

Prejudice as Sign of Hostility in Relations between Immigrants in a Middle City: The Case of Caxias do Sul-RS, Brazil

CAROLINE DA SILVA CAMARGO¹, VANIA BEATRIZ MERLOTTI HERÉDIA²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v10i2p388>

RESUMO³

O migrante quando escolhe uma sociedade de destino espera ser acolhido e a hospitalidade reflete a posição que os membros do local geram quando se defrontam com a experiência migratória do outro. O presente estudo tem como objetivo identificar as ações que uma cidade desencadeia quando se depara com imigrantes que escolheram a localidade como lugar de destino. A pesquisa é de natureza qualitativa e utiliza como fonte os resultados de entrevistas narrativas realizadas entre 2015 e 2016 na cidade de Caxias do Sul. A escolha dos entrevistados deu-se pela experiência que os mesmos tinham devido suas atuações profissionais em instituições públicas e privadas que lidam com migrantes na cidade de Caxias do Sul. A análise das narrativas de agentes sociais que atuam em serviços de atendimento aos imigrantes evidencia que muitos deles sofrem atos de violência explícita e simbólica, por meio de gestos, palavras e atitudes hostis, quando do contato com moradores da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Hospitalidade. Hostilidade. Migração. Caxias do Sul, RS, Brasil.

¹ **Caroline da Silva Camargo** – Mestra. Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6353237796184558> E-mail: carol.camargo_555@hotmail.com

² **Vania Beatriz Merlotti Herédia** – Doutora. Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2028194865995189> E-mail: vheredia@terra.com.br

³ **Recebido: 17 JUL 2017; Avaliado: AGO-JAN; Aceito: 8 FEV 2018.**

ABSTRACT

The migrant when choosing a destination society expects to be welcomed and the hospitality reflects the position that the members of the place generate when confronted with the migratory experience of the other. The present study aims to identify the actions that a city triggers when it comes to immigrants who chose the locality as a place of destination. The research is qualitative in nature and uses as a source the results of narrative interviews conducted between 2015 and 2016 in the city of Caxias do Sul. The choice of respondents was due to the experience they had due to their professional activities in public and private institutions that are dealing with immigrants in the city of Caxias do Sul. The analysis of the narratives of social agents that work in services to immigrants shows that many of them suffer acts of explicit and symbolic violence through gestures, words and hostile attitudes, with city dwellers.

KEYWORDS

Hospitality. Hostility. Migration. Caxias do Sul, RS, Brazil.

INTRODUÇÃO

A análise do fenômeno migratório implica no quadro social de referência que ajuda a entender as razões de saída e ou de chegada dos que migram. O Brasil tem recebido diversos fluxos migratórios em sua história, contribuindo para formação do seu povo, organização da sua cultura ou influenciando relações econômicas, políticas e sociais estabelecidas a partir do século XVI, quando da ocupação do território pelos portugueses.

O local escolhido para a realização do estudo foi o município de Caxias do Sul, localizado no Estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, cuja formação econômica é reconhecida como um espaço migratório, desde a chegada dos imigrantes italianos no século XIX. Historicamente, a cidade se formou recebendo mão de obra externa, absorvendo fluxos migratórios que foram contínuos. A última década foi marcada pela chegada de migrantes vindos da África, da América Central e da América do Sul, fenômeno que tem atraído atenção de muitos pesquisadores devido às interferências econômicas, culturais e sociais causadas por esses fluxos.

O objetivo da presente análise é o de identificar sinais de hostilidade e preconceito nas relações estabelecidas entre a comunidade de Caxias do Sul e os migrantes estrangeiros, em especial os senegaleses, por meio de narrativas de representantes de instituições sociais, públicas e privadas, que os atendem quando da chegada e permanência na cidade de Caxias do Sul. Trata-se de pesquisa exploratória, de natureza qualitativa. A técnica escolhida para pesquisa empírica foi a da entrevista narrativa (Bauer & Gaskell, 2002), pois a mesma permite uma comunicação direta com o entrevistado e, como resultado, o conhecimento de dados

básicos que auxiliam a análise das relações dos atores sociais e a situação de migração, priorizando-se a situação dos senegaleses na cidade. A entrevista narrativa, ainda segundo Bauer e Gaskell (2002), objetiva obter uma compreensão aprofundada a respeito das crenças, valores e demais motivações sobre o comportamento dos sujeitos em determinados contextos sociais.

No estudo foram entrevistados dez representantes, sendo quatro homens e seis mulheres, de instituições públicas e privadas, que atendem diariamente aos migrantes na cidade. As instituições escolhidas foram: Centro de Atendimento ao Migrante [CAM]; Associação de Educação São Carlos [AESC]; Congregação Scalabriniana; Fundação de Assistência Social de Caxias do Sul, vinculada a Prefeitura Municipal; Serviços de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde; Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores; Igreja da Paróquia do Desvio Rizzo; Câmara de Indústria, Comércio e Serviços; e Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, todos de Caxias do Sul⁴.

A HOSPITALIDADE E MIGRAÇÕES

O tema sobre migrações têm ganhado espaço acadêmico e repercutido no meio social e cultural, além de ser discussão central na esfera política, em diversos países afetados pelos movimentos migratórios. O número de fluxos, a tipologia dos imigrantes, as nacionalidades, os motivos que levam à imigração, os meios de deslocamentos, as legislações, o controle e gerenciamento do fenômeno, as questões culturais, religiosas, econômicas e sociais decorrentes, entre outros, estão presentes na temática estudada. O tema é investigado no âmbito nacional, também, em várias áreas de conhecimento, uma vez que o Brasil vivencia aspectos de imigração e emigração⁵, levando ao debate político sobre a necessidade de mudança da legislação que regulamenta o fenômeno migratório no País.

O presente estudo refere *migração* como "mobilidade espacial da população, sendo um mecanismo de deslocamento populacional, reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) entre essas e o seu ambiente" (Becker, 1997, p. 323). Dessa forma, utilizou-se o conceito *migração* como deslocamento, mas também no sentido atribuído por Sayad (1998), como um "fato social complexo" (p.14) e, antes de qualquer coisa, um

⁴ A escolha de cada entrevistado se deu pelo sua atuação na instituição que atende migrantes em Caxias do Sul-RS. Os setores escolhidos são instituições que atuam no desenvolvimento econômico da cidade e influenciam a política e o funcionamento de algumas entidades sociais, destaca-se que alguns deles lidam diretamente com aqueles que chegam à cidade em busca de trabalho.

⁵ A Universidade de Caxias do Sul desenvolve pesquisas na área desde 1993 e conta com um Núcleo de Estudos Migratórios, vinculado ao Centro de Atendimento ao Migrante da Congregação Scalabriniana no Rio Grande do Sul. Esse núcleo está inscrito no Diretório de Pesquisas do CNPq desde 1993, colaborando com a discussão da imigração no país.

deslocamento no espaço físico que está relacionado com as ciências que buscam compreender a população e o espaço por ela ocupado.

Na discussão sobre migração, um tema articulado com a recepção é o da hospitalidade, pelas contradições que se manifestam nessa relação. Observa-se que, cada vez mais, surgem questionamentos a respeito da situação atual das migrações internacionais, realizadas como solução para as populações vítimas de guerras, conflitos políticos, violência urbana, miséria e crise econômica. Significa que, quem se desloca, pode sofrer preconceitos e discriminações culturais, sociais, econômicos, raciais, dependendo do interesse de quem os recebe. No entanto, é necessário lembrar que tanto quem recebe quanto quem está sendo recebido, precisa acolher o outro para que haja uma hospitalidade incondicional, sem obrigações.

O ato de receber foi considerado, durante séculos, um dever sagrado, muitas vezes embasado na troca de favores na acolhida do outro. Mauss (1974), em *O ensaio sobre a dádiva*, analisou essas relações em civilizações ditas arcaicas, por três aspectos: dar, receber e retribuir. Para Mauss (1974), o processo dessa relação inicia com uma dádiva gerada do contato humano. A retribuição torna-se, então, em uma nova dádiva, que resultará em um novo receber e retribuir, formando-se, assim, um ciclo sem fim. Dentro das sociedades analisadas pelo autor, havia a prática de se realizar trocas [de presente, favores, regalos], que formavam um contrato ligado à ética e moral, uma vez que havia uma responsabilidade dos dois lados envolvidos nesta relação. Havia, ainda, a obrigatoriedade de se dar algo, de um lado, e do outro, a obrigação de receber esta dádiva e retribuí-la. Em Derrida (2003), para a hospitalidade ser incondicional, esta “não pode pagar uma dívida, nem ser exigida por um dever” (p.73). Ao contrário do que Mauss afirma, a lei incondicional da hospitalidade abordada por Derrida deve acontecer sem qualquer obrigação ou ordem. Se alguém acolhe o outro por dever, essa hospitalidade deixa de ser uma hospitalidade pura, já que não é mais ofertada espontaneamente e pensada além da dívida para com quem chega.

Kant (1989), por sua vez, acreditava que a hospitalidade é um dos pontos necessários para que a humanidade alcance a paz. Para ele, o direito cosmopolita “deve ser limitado às condições da hospitalidade universal” (p.43). A hospitalidade de Kant está relacionada ao direito de circulação e a ser estrangeiro, em outro local. A hospitalidade baseada no sistema do “eu convido-o, eu dou-lhe boas vindas ao meu lar, sob a condição de que você se adapte às leis e normas do meu território, de acordo com minha linguagem, tradição, memória, etc” (Derrida, 2004, p. 138), não pode ser considerada incondicional. Esses conceitos ajudam a pensar o fenômeno migratório e as contradições que o mesmo carrega quando o outro chega e espera ser recebido como um hospede e não o é.

Na mesma direção, Lévinas (1988) ajuda a entender o fenômeno da migração, uma vez que faz a articulação da hospitalidade na relação com a ética e a alteridade, cujo princípio está no

cuidado do outro. Essa responsabilidade e abertura para com o outro deve sê-lo de forma incondicional e infinita, e pode ser a estrutura para a subjetividade. Trata-se de uma relação não simétrica, na qual não se deve esperar reciprocidade. O que importa é a responsabilidade pelo o outro. Lévinas ainda explica o acolhimento do outro pela figura do rosto. O rosto é o desconhecido, não possível de ser descrito ou previsto. A relação ética se dá quando o rosto é acolhido como absolutamente outro. Este *absolutamente outro* é outrem, que não possui qualquer ligação com o Eu. É a ausência de uma pátria comum que o torna o outro, ou seja, o estrangeiro.

A hospitalidade incondicional tratada por Derrida e Lévinas está relacionada ao acolhimento sem restrições daqueles que são estrangeiros. A lei da hospitalidade incondicional necessita das leis da hospitalidade condicional ou do contrário, esta permaneceria na utopia e não teria como se tornar efetiva. Por outro lado, as leis da hospitalidade condicional não poderiam ser leis da hospitalidade se não estivessem ligadas, inspiradas e ordenadas pela lei da hospitalidade incondicional. As duas leis citadas, a incondicional e condicional, são ao mesmo tempo opostas, contraditórias e inseparáveis (Derrida, 2004). Nesse sentido, a migração traz questionamentos sobre o tipo de hospitalidade que uma localidade oferece quando se depara com aqueles que chegam, principalmente se os considera como diferentes.

A HOSTILIDADE E O RACISMO

Para Derrida (2003), todo ato de hospitalidade é acompanhado de um ato de hostilidade. A origem da palavra hospitalidade está no latim *hostis*, cujo significado tanto pode ser o de hóspede, quanto o de inimigo, de hostil. Quando se aborda a hospitalidade, não se pode negar as relações humanas envolvidas, principalmente quando há a presença de migrantes estrangeiros ou de grupos que diferem dos demais residentes, seja pela cultura, religião ou outro modo de ser que carreguem. Neste caso, pode-se afirmar que, se a população não estiver aberta para receber imigrantes ou visitantes, mesmo o poder público se esforçando para construir a imagem de cidade hospitaleira, dificilmente isso será concretizado. As condições legais e políticas possuem, também, um conteúdo educacional e moral. Para cada uma delas, há uma série de contextos que podem ser favoráveis e desfavoráveis, quando implicam na concessão de favores.

Tal questão pode ser abordada pela ideia dos que já estão estabelecidos e de suas relações com aqueles *que vêm de fora*. Elias e Scotson (2000) discutem esses conceitos por meio das relações entre a população residente [estabelecidos] e os que vêm de fora [*outsiders*]. Para os autores, os deslocamentos não podem ser analisados apenas por seus fatores geográficos e espaciais, mas também se deve levar em consideração que o migrante está se deslocando de um grupo social para outro e precisará se inserir neste novo ambiente e sociedade. Muitas vezes surgem conflitos que são oriundos da disputa pelo espaço, onde os estabelecidos podem

achar que são os únicos donos do lugar por estarem ali há mais tempo ou ainda pelo choque de culturas que pode acabar em agressões tanto morais, quanto físicas [xenofobia, preconceito, racismo].

Esse embate entre acolhedores e acolhidos pode se dar por diversos motivos. No estudo em questão, no município de Caxias do Sul, aparentemente ocorre um choque cultural entre os imigrantes e a população da cidade que tem ascendência italiana. No entanto, Caxias do Sul, por ser um polo industrial, tem recebido força de trabalho, de várias localidades, com diferentes costumes, promovendo uma sociedade multiétnica, além de um centro de serviços e de cultura. Levando tais pontos em consideração, questiona-se o porquê de alguns discursos locais serem tão resistentes à acolhida dos imigrantes. Uma das possíveis respostas, talvez esteja ligada à história dos ciclos migratórios do País. A identidade brasileira se construiu reforçando um imaginário de superioridade branca, mesmo com a sua população sendo constituída por negros e indígenas, os quais nunca foram vistos da mesma forma como os brancos. Constata-se a presença de um discurso racista na construção da nação brasileira desde o final do século XIX, quando o governo imperial prefere a mão de obra estrangeira, branca, e investe na sua vinda para o País, criando uma série de vantagens à emigração europeia no período.

Nesse contexto, não se pode negar a presença do racismo na história econômica e política do País. O racismo pode ser considerado como um meio socialmente construído para autenticar a ideia de superioridade ou inferioridade racial de um grupo em relação a outro. É uma forma de discurso ou ideologia que se concretiza através de gestos discriminatórios, baseada na ideia de que há *raças* humanas. O racismo está ligado ao modo em que as estruturas de poder de uma sociedade são articuladas em suas relações (Lucena, 2007). Ressalta-se que, Caxias do Sul, ainda no governo imperial, fez parte deste processo de *branqueamento* promovido pela vinda de imigrantes italianos, para o sul do Brasil. Estes imigrantes, que ingressaram na região onde hoje se situa a cidade, na época seguiam os preceitos da Carta de Colonização da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, que estabelecia os princípios da colonização. Dentre as cláusulas presentes na Carta, pontua-se o acesso à terra, o preço da mesma, a forma de como seria financiado os lotes coloniais e, principalmente, a impossibilidade de a propriedade em questão possuir escravos (Herédia, 1997). Esta última cláusula justifica a exclusão do negro na sociedade local, o que de certa forma causou o afastamento do negro na colônia italiana.

Sobre as questões culturais, é necessário também citar que os conceitos sobre assimilação e aculturação foram utilizados em diversos estudos sobre imigração no Brasil, sob o olhar das Ciências Sociais na década de 1970. Os estudiosos da época interessavam-se pelas mudanças tanto comportamentais, quanto socioculturais consequentes da presença dos imigrantes no País. Deste modo, as pesquisas e demais análises deste período apresentavam indícios de pluralidade cultural e formação de novas identidades fundamentadas nesta diferença de

cultura. Por outro lado, atualmente os estudos e teorias sobre o tema da migração dão maior destaque às problemáticas do meio econômico e político, compreendendo a migração em larga escala e em conformidade com a globalização (Seyferth, 2011). Dentro dessa mesma discussão, um aspecto importante a ser considerado é a etnicidade, que também é produzida através dos processos de migração. De acordo com Seyferth (2011), etnicidade é a palavra-chave para as análises “de sistemas interétnicos amplamente usada nas últimas décadas com implicações nas políticas de reconhecimento [inclusive aquelas associadas ao multiculturalismo e aos direitos de minorias]” (p. 47). No caso da imigração, as diferenças culturais reportam-se as formas de como os imigrantes se integram e se sentem parte da sociedade, seja no sentido do acolhimento, seja no que concerne às dificuldades que enfrenta na inserção mesmo que temporária. Nesse sentido, a posição dos estabelecidos no enfrentamento daqueles que vêm de fora, provoca diferentes reações que refletem a dificuldade de grupos da comunidade acerca do entendimento sobre o processo migratório por parte dos instalados em relação aos demais. Existe uma contradição presente entre aqueles que passam pela cidade como é o caso dos turistas, distinta daqueles que vieram para ficar, mesmo que temporariamente.

A presença de estrangeiros tem promovido reações contraditórias na comunidade, algumas inclusive expressas por atos de violência, no sentido de “não os queremos aqui”, com a intenção de amedrontar aqueles que não são desejados pelos instalados. A questão da alteridade torna-se visível quando a comunidade rejeita migrantes por questões étnicas, por desconhecimento das questões culturais, históricas, negando a própria história dos processos migratórios anteriores.

PRECONCEITO COMO SINAL DE HOSTILIDADE: ALGUNS RESULTADOS DA PESQUISA

Os ritos de hospitalidade podem resultar em atos de acolhimento, quando há a aceitação do outro que chega à cidade. No entanto, também podem surgir atos de hostilidade, foco deste estudo. Para muitos dos autores estudados durante a pesquisa (DIZER QUAIS), há uma relação muito próxima entre os dois extremos da relação entre quem chega e quem recebe, ou seja, para Mauss (1974), por exemplo, o ato de dar, receber e retribuir pode ser considerado uma ação virtuosa para todos os envolvidos. No entanto, a quebra deste contrato implícito pode resultar em hostilidade. Derrida (2013), por sua vez, relaciona a hostilidade com o sentimento de posse do outro, pois o “hóspede é um refém enquanto é um sujeito colocado em questão, obcecado (portanto sitiado), perseguido, no próprio lugar em que ele tem lugar, lá onde, emigrado, exilado, estrangeiro, hóspede sempre, ele se encontra domiciliado antes de eleger domicílio” (p. 73).

O quadro de hostilidade tem origem na inserção do outro na cidade. A sua presença transforma a cidade em um lugar de acolhimento, no entanto, no mesmo espaço geram-se

conflitos, medos, inquietações e ações hostis por parte da população. A hostilidade não deixa de ser resultado de uma disputa de poder. Segundo Elias e Scotson (2000), há um grau de estigmatização que sofre aquele que não é do local. Nos relatos dos entrevistados, constata-se uma série de reações que os migrantes de fora sofrem o que torna mais difícil a aceitação dos mesmos na comunidade. A presença dos migrantes internacionais não aparece como uma condição comum, normal, espontânea, mas com a posição de desconfiança, de temor, pelo fato de não serem vistos como iguais. Para alguns entrevistados, acolher é *“uma virtude humana, que exige bastante coragem e que significa não ter preconceitos, não é espontânea”* (Entrevistado 2, 2016). Entretanto, pressupõe que haja aceitação. Parte dos entrevistados reconhece a dificuldade em aceitar o outro através da ideia que este outro é o desconhecido. O medo do desconhecido é explicitado como aquele que põe risco, que traz situações que não são controladas, que ameaçam a possível ordem e que afetam o grupo. Fica evidente no relato essa observação:

A primeira reação é o medo, a primeira reação é que eles tiram o nosso trabalho, a primeira reação é aqui vai ter o terrorismo. [...] Eu acho que tem um certo medo do estrangeiro. Sobretudo agora, começa esse negócio de problema de doenças que vão sendo importadas. Agora o zika parece que foi importado (Entrevistado 2, 2016).

Segundo Elias e Scotson (2000), o estrangeiro é o oposto do estabelecido e sempre acaba gerando conflitos com os que já residem no local por mais tempo. Com isso, os autores tecem um parâmetro entre os grupos sociologicamente velhos e novos. Para eles, os dois grupos possuem traços que os identificam, no entanto, são tais traços que causam medo, receio e geram problemas sociais. Em várias partes do mundo há encontros entre imigrantes, recém-chegados e demais viajantes com os residentes de uma cidade. Desses encontros, já surgiram diversos problemas sociais, principalmente se for analisado a perspectiva do estabelecido que não quer arriscar ou compartilhar sua “estabilidade”, mesmo que já tenha tido experiências de mobilidade social.

Nas narrativas dos entrevistados foi possível identificar uma série de receios e preconceitos em relação aos imigrantes, alguns deles ligadas à questão racial: *“A onda negra chegou em Caxias [...] Ah, a nuvem preta”* (Entrevistado 5, 2015). O enunciado é uma demonstração do reconhecimento da desigualdade. O que a população expressa, mostra que há uma identificação da diferença, traz à tona a alteridade. A ‘onda negra’ são os migrantes que vieram de fora, e os outros, que também vieram de fora no passado e hoje são estabelecidos, não reconhecem.

O enunciado aponta também para a questão racial, muito debatida e estudada neste fluxo migratório. Caxias do Sul foi formada anteriormente por migrantes de origem europeia, que ajudaram a construir a sociedade, fazendo uso dos costumes e das tradições italianas. Porém, nos últimos anos tem recebido muitos migrantes estrangeiros. O fato de proverem de culturas,

bastante distintas, trouxe certo desconforto a população local, não apenas por professarem religiões e costumes diferentes dos conhecidos na cidade, mas pelo estranhamento que causou na vida coletiva, o que promoveu manifestações agressivas de racismo, de preconceitos culturais, identificados no cotidiano das instituições sociais, nas ruas e inclusive nos depoimentos dados a imprensa.

Dos relatos, surge a seguinte questão: se o fluxo migratório tivesse origem em outros países, como daquele que deu origem à cultura dominante na cidade, haveria o mesmo receio e o mesmo preconceito em relação aos recém-chegados? Para Elias e Scotson (2000), o problema não é simples e ultrapassa a diferença étnica. Apesar dos casos em que a motivação do conflito entre os estabelecidos e *outsiders* é o racismo, independente do quão parecidos os grupos possam ser, sempre haverá um ponto de estranhamento dos estabelecidos em relação aos que vêm de fora. Os *outsiders*, na maior parte do tempo, são considerados intrusos.

Quando os migrantes têm a cor da pele e outras características físicas hereditárias diferentes das dos moradores mais antigos, os problemas criados por suas formações habitacionais e por seu relacionamento com os habitantes dos bairros mais antigos costumam ser discutidos sob o rótulo de 'problemas raciais'. Quando os recém-chegados são da mesma raça, mas têm língua e tradições diferentes, os problemas com eles e os antigos moradores se confrontam são classificados como problemas das 'minorias étnicas'. Quando eles não são de 'raça' nem 'grupo étnico' diferentes, mas apenas de outra 'classe social', os problemas da mobilidade social são discutidos como 'problemas de classe' e, não raro, como problemas de 'mobilidade social', num sentido mais estrito da expressão (Elias & Scotson, 2000, p.138).

Os relatos dos entrevistados chamam a atenção de que alguns dos problemas entre os estabelecidos e *outsiders* estão ligados às diferenças culturais e religiosas entre os migrantes e a população local. O medo do diferente pode causar preconceitos e conflitos entre acolhidos e quem está acolhendo. Nesta situação, Elias e Scotson (2000), explicam que a população local pode agredir os que vêm de fora, trazendo à tona o "estigma da inferioridade social" (2000, p.139). Os membros mais conservadores da cidade utilizam suas crenças e padrões preconcebidos para motivar "os estereótipos verbais e degradantes" (2000, p.139) e isso gera "mexericos humilhantes, crenças estigmatizantes sobre o grupo inteiro". Com base em observações sobre pontos frágeis discutíveis, os estereótipos criados podem induzir a exclusão de qualquer oportunidade dos de fora ao acesso ao poder. Nesta última afirmação, é possível traçar um paralelo entre algumas situações relatadas pelos entrevistados a respeito dos conflitos entre a população de Caxias do Sul e os migrantes, envolvendo posições de poder. Em diferentes falas, um mesmo atrito entre moradores e migrantes foi relatado:

Teve um caso de um senegalês que estava no ônibus e pegaram e bateram nele e começaram a chamar ele, de um monte de nomes racistas. E dizendo também: o que ele estava fazendo aqui? Que ele tinha que ir embora (Entrevistado 6, 2015).

Teve um caso que não me esqueço. [...] sempre que saía do trabalho tinha um grupo de pessoas que ficava perseguindo e xingando ele, dizendo que ele tinha que ir embora daqui, o que ele estava fazendo aqui? (Entrevistado 6, 2015).

Além destes casos, foram citados outros episódios envolvendo perseguição aos migrantes, que chegaram à agressão física. O ponto em comum nas agressões parece ser a não compreensão dos motivos que trouxeram os migrantes para a cidade, o que pode demonstrar disputa de território e poder. Esse discurso está ligado ao tempo que o migrante passa no local. Para Sayad (1998), a principal característica do migrante é sua condição provisória [de direito], no entanto, cada vez mais os migrantes passam a se instalar de uma forma mais duradoura. Tal situação, muitas vezes, acaba sendo camuflada, como se a imigração para se perpetuar precisasse ser ignorada. “Ser ignorada enquanto provisória e, ao mesmo tempo, não se confessar enquanto transplante definitivo” (Sayad, 1998, p. 46).

A contradição é imposta a todos os envolvidos, migrante e sociedade que os recebe, e parece ser fruto da própria condição do migrante, o que acaba por estabelecer certa ilusão coletiva em relação ao estado do migrante que não é provisório, mas também não é permanente. Ou seja, de um estado que “só é admitido ora como provisório [de direito], com a condição de que esse provisório possa durar indefinidamente, ora como definitivo [de fato], com a condição de que esse definitivo jamais seja enunciado como tal” (Sayad, 1998, p.46). Os principais interessados nessa ilusão são os próprios migrantes:

Se todos os atores envolvidos pela imigração acabam concordando com essa ilusão, é sem dúvida porque ela permite que cada um componha com as contradições próprias à posição que ocupa, e isso sem ter o sentimento de estar infringindo as categorias habituais pelas quais os outros pensam e se constituem. São em primeiro lugar, os primeiros interessados, os próprios imigrantes que, tendo entrado como que sub-reptícia e *provisoriamente* (como eles pensavam) numa sociedade que sentem hostil, precisam convencer a si mesmos, às vezes contra as evidências, de que sua condição é efetivamente provisória (Sayad, 1998, p. 46).

Há relatos, ainda, de que a hostilidade não atinge apenas os migrantes, mas quem os apoia e tenta ajudá-los. “*Esse gesto [de acolher os migrantes] trouxe muita repercussão, inclusive críticas, telefones, desaforos que nós escutamos*” (Entrevistado 3, 2015). Ressalta-se que todos os entrevistados, sem exceção, comentaram algum caso de xenofobia, racismo ou hostilidade, afirmando que há conflitos entre a população local e os migrantes. “*Sim, tem casos de racismo e xenofobia bem sérios*” (Entrevistado 6, 2015).

As questões envolvendo raça, etnia e nação são utilizadas para ordenar hierarquicamente pessoas e grupos que não são socialmente qualificados, cujas características culturais e biológicas são usadas para apontar ou marcar pertencimentos étnicos conflitantes com o do Estado-nação em que se inserem. No pensamento nacionalista, o Estado-nação é idealizado para identificar como cidadãos somente aqueles que ali residem. As minorias sejam elas provindas de migrações ou colonialismo e independente dos elementos que as identifiquem

[cultura, raça, religião entre outros aspectos], desequilibram a ordem natural idealizada para o Estado (Seyferth, 2002).

Em Caxias do Sul, esta problemática está presente e aparece de forma clara nas relações entre os estabelecidos e os *outsiders*. O fato de os grupos serem distintos na aparência física ou possuírem sotaques diferentes quanto ao idioma que utilizam, é um indicativo que reforça e torna as pessoas do grupo em questão estigmatizadas e mais facilmente reconhecidas na sua condição. No entanto, nem sempre a denominação *preconceito racial* é adequada, uma vez que o ódio ou aversão que os estabelecidos sentem pelo grupo de fora e até mesmo o medo de um contato com algum membro do outro grupo possa contaminá-lo, não são diferentes dos casos em que os dois grupos possuem aparências semelhantes e existe a discriminação (Elias & Scotson, 2000).

O que mais chama atenção no caso pesquisado é a cidade possuir um histórico de migrações, ou seja, desde sua formação sempre recebeu mão de obra de fora para se desenvolver, seja no comércio, na indústria, nos serviços. Entretanto apenas na última década, os que vêm de fora não são brancos, não são católicos e não possuem nenhum interesse de se tornar iguais, como em outros fluxos migratórios já instalados. Todos entrevistados mencionaram a migração italiana como fator positivo e enaltecido da prosperidade da cidade, porém nem todos conseguiram colocar os migrantes italianos e africanos no mesmo nível de importância para o desenvolvimento de Caxias do Sul. Essa questão, envolvendo preconceito e a relação com o histórico da migração na cidade, pode ser identificada no relato a seguir:

Ah, o que é Caxias [do Sul]? É uma cidade construída por italianos, uma cultura italiana, o berço da cultura italiana no Brasil. Tem uma construção em cima disso. Tu vais para outros municípios, existem outras construções, mas talvez não contrastem tão diretamente, seja um pouco mais velada a coisa, mas aqui, eu acho que é um pouco mais escancarado. Talvez chame um pouco mais atenção. [...] Eu acho que de modo geral pela questão dos migrantes assim, que é uma dificuldade do Brasil porque agora o brasileiro se descobre bairrista, nós somos bairristas, né? E a gente sabe que a população caxiense já não é majoritariamente descendente de italianos. Há um medo assim de perder uma identidade. Ela é bonita, tem seus valores, tem sua história tem seus méritos e as pessoas têm medo disso, tem muito medo de perder, já pensou? Se Caxias deixa de ser a terra do gringo⁶? (Entrevistado 1, 2016).

Esse relato é permeado pela posição que representa disputas de poder. Não é acidental que o grupo estabelecido descubra semelhanças com os que vêm de fora, sendo estes aspectos vinculados ou não às diferenças raciais ou étnicas. O que ocorre é que estes aspectos não são derivados unicamente das diferenças raciais ou étnicas, mas sim do conflito entre grupos, que tiveram recursos disponíveis para a inserção social numa outra época, sustentado pelo Estado, ou seja, financiado pela política de colonização e imigração do império.

⁶ 'Gringo' é a maneira como são tratados os ítalo-descendentes no Estado do Rio Grande do Sul.

Outra contradição que aparece nas entrevistas é que os imigrantes não querem trabalhar. Esse relato feito por um representante de serviços mostra que nem sempre os migrantes podem expressar suas dores, suas doenças e suas dificuldades. As migrações atuais são marcadas por migrações em busca de trabalho, e aquele que migra aceita, inicialmente o trabalho que lhe é oferecido. Situações de precariedade podem ter um tempo sem adoecimento. Em muitas situações, os migrantes adoecem porque trabalham em condições desiguais, insalubres, precárias, sem nenhuma proteção social. Quando procuram os serviços de saúde são estigmatizados como aqueles que não querem trabalhar. Essa posição não é compartilhada por alguns empresários que afirmam que preferem os migrantes estrangeiros do que a mão de obra nacional.

Também tem muito a questão do preconceito dentro das equipes de saúde. [...] A gente ouve no espaço de convivência da equipe: ah eles querem atestado, eles querem atestado. Dor de barriga, dor nas costas (Entrevistado 10, 2016).

Este último relato reflete boatos espalhados pela cidade sobre os migrantes que não teriam 'vontade de trabalhar'. No entanto, a própria entrevistada desmente na fala posterior a tal afirmação: *"Todos estão trabalhando. Nenhum está desempregado. Eu lembro que, de todos que eu atendi [na farmácia], só um até agora estava em situação de rua (Entrevistado 10, 2016).*

Outra dificuldade identificada na pesquisa, envolvendo os migrantes internacionais foi a concorrência por trabalho, entre população e imigrantes. Constatou-se que esta é uma das causas principais da hostilidade. *"Sempre tem aqueles que dizem: ah, aqui não tem serviço. Essa gente vai tirar nosso serviço" (Entrevistado 4, 2015). "A primeira reação é eles tiram o nosso trabalho" (Entrevistado 2, 2016).* Para o sociólogo Sayad (1998), o migrante está ligado ao trabalho, sendo a atividade que o faz ser o que é. A busca pelo trabalho é apontada como um dos motivos pelos quais os migrantes escolheram Caxias do Sul como destino. Alguns relatos mostram que há casos em que terceiros tentam tirar proveito desta situação:

Nós tivemos uma situação num dia, em que várias empresas vieram (no setor) para fazer seleção. Isso é um fato que aconteceu. Veio um pessoal, não me recordo, de uma [outra] cidade [...] e que um grupinho foi para junto deles para ouvir, escutar a proposta. E saíram de lá bravos. Só que como a gente não acompanhava todos os grupos, a gente não sabia. E o cara da empresa falava inglês, né? Então a gente não sabia o que estava acontecendo. O que nós fomos nos dar conta? Era praticamente um trabalho escravo. Eles começaram a se dar conta. E aí começou um certo mal estar no grupo. E aí a gente foi e depois até conversamos com o pessoal e o pessoal foi embora. Mas para ver como é a ideia, né? Ah eles estão vindo, eles precisam de trabalho? Então nós vamos oferecer o que tem. Nós precisamos de mão de obra, né? Eles estão precisando mesmo, um salário... Um salário mínimo trabalha de segunda a sábado... (Entrevistado 3, 2016).

Ah, a gente já se deparou com tudo, né? De tudo... Olha, tem vários problemas. De imigrantes que têm dificuldade de alugar um lugar para morar, tem que ter fiador, toda a parte burocrática que acaba sendo inviável para pessoa. Ou pessoas que acabam cobrando muito caro por um

imóvel completamente insalubre [...] A gente viu depósitos, nem era lugar para as pessoas ficarem, botavam várias pessoas num lugar que não comportava. (Entrevistado 7, 2016).

A estigmatização é outra característica da relação entre *outsiders* e estabelecidos. Esse tipo de fantasia, imaginado pela coletividade é geralmente criado pelo grupo estabelecido, o que reflete aversão e preconceito sentido pelo grupo (Elias & Scotson, 2000). Esta questão pode ser vista, por exemplo, no boato espalhado na cidade de que os senegaleses seriam consumidores de carne canina, o que foi desmentido posteriormente, porém, causou um grande desconforto dentro dos grupos. Um dos entrevistados aponta esta questão:

O jogo do sistema também é fazer um ficar contra o outro. Então ele às vezes também coloca as pessoas que estão numa situação de vulnerabilidade contra as pessoas que estão numa situação de menor vulnerabilidade como se fosse culpa uma das outras aquela situação e não do sistema que a gente vive (Entrevistado 6, 2015).

Por outro lado, há sinais de que o preconceito e hostilidade não são parte de toda a população de Caxias do Sul, mas dos grupos que não possuem certo entendimento do momento pelo qual a cidade está passando. *“É falta de cultura e de conhecimento. É querer ser superior e mostrar um nível que não existe”* (Entrevistado 9, 2015).

Claro, têm os dois lados, a gente sabe que aqui Caxias sempre foi uma cidade predominantemente branca, né? Assim como na região sul, mas tem várias pessoas assim, grupos que têm se esforçado para poder acolher e ajudar esses migrantes. Acho que agora está um pouco melhor, pelo menos, porque até pouco tempo atrás, há dois anos, um ano, as pessoas não tinham vergonha nenhuma de dizer que queriam que os africanos fossem embora, que eles iam dar trabalho. Mas essa população é menos de 1% da população caxiense. Então, na verdade, a acolhida às vezes ainda é bem difícil, é bem complicada (Entrevistado 6, 2015).

Derrida (2003) fala que para todo ato de hospitalidade, há um de hostilidade. Já para Camargo (2004), “a hostilidade é a outra face da hospitalidade” (p.12) e é em terra estranha que a fragilidade do sujeito se mostra com mais veemência. Derrida (2003) coloca a ambivalência da hospitalidade e hostilidade junto ao contexto da possibilidade e impossibilidade pelo olhar da desconstrução. Para ambos os autores, a hospitalidade parece ter motivos maiores do que os que justificam a hostilidade entre os grupos, por seu foco na ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aponta para as dificuldades que os migrantes estrangeiros, principalmente os africanos, têm sofrido na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Entre as dificuldades que foram levantadas na pesquisa, fica evidente o preconceito que os mesmos sofrem por serem negros. Na história da região, a presença do negro não era marcante, pois na fase inicial de formação colonial do local, os imigrantes que tiveram acesso à terra, não podiam dispor de escravos. Era comum a presença do trabalho escravo na grande propriedade, em outras regiões do Estado, mas não na pequena propriedade. Dessa maneira, não teria havido

convivência maior entre negros e brancos, na construção das comunidades que se erguem em torno das colônias italianas, que deram origem a Caxias do Sul, o que pode se colocar como uma possível razão para a intolerância em termos étnicos.

Nas falas dos entrevistados, o preconceito cultural aparece forte, preconceito com aqueles que vêm de fora, embora alguns acreditem que houve um apagamento do fato de que a localidade teve sua origem alimentada por fluxos migratórios, e que nas décadas subsequentes houve a contínua chega de contingentes migratórios, internos e externos. O território que abarca a cidade de Caxias do Sul foi constituído, inicialmente, por imigrações europeias no final do século XIX, beneficiados com acesso à terra, graças a política de colonização, sustentada pelo governo imperial brasileiro. Alguns autores que afirmam que o apagamento da importância da imigração e as migrações posteriores, para formação local, seria uma forma de negar a presença do outro e de não aceitar a alteridade.

Nesse sentido, a pesquisa realizada indica que os africanos sofrem ações preconceituosas, que muitas chegam a ser caracterizadas como hostis porque nem sempre há respeito para com eles, com sua cultura, com seus hábitos e costumes. Há depoimentos em que muitos são tratados como animais e que a não reagem às ações hostis que sofrem porque estariam acostumados a elas e por não querem agravar os preconceitos já existentes. A população local ainda não se deu conta que o convívio com culturas distintas é uma oportunidade para a aprendizagem e que a diversidade cultural enriquece a vida coletiva. ao invés de ameaçá-la ou prejudicá-la.

REFERÊNCIAS

- Barretto, M.(2009). Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, 7(1), 1-11. [Link](#)
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2002). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes.
- Becker, O. M. S. (1997). Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: Castro, I. E., Gomes, P. C. da C. & Corrêa, R. L. **Explorações geográficas: percursos no fim do século**, p. 319-367. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Camargo, L. O. de L. (2004). **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph.
- Derrida, J.& Dufourmantelle, A. (2003). **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta.

Camargo, C. da S., Herédia, V.B.M. (2018) Preconceito como sinal de hostilidade nas relações entre imigrantes: o caso de Caxias do Sul-RS, Brasil. **Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 10(2), pp. 388-402, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v10i2p388>

- Derrida, J. (2004). Auto-imunidade: suicídios reais e simbólicos. Um diálogo com Jacques Derrida. In: Borradori, G. **Filosofia em tempo de terror**: diálogos com Habermas e Derrida. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Derrida, J. (2013). **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar.
- Farias, A. B. (2014). Filosofia da hospitalidade para uma futura ética do estrangeiro. In: Santos, M. M. C. & Baptista, I. (org). **Laços sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul-RS: Educus.
- Herédia, V. B. M. (1997). **Processo de Industrialização da zona colonial italiana**. Caxias do Sul: Educus.
- Kant, I. (1989). **À paz perpétua**. Porto Alegre: L&PM.
- Lévinas, E. (1988). **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70.
- Lucena, C. T. & Gusmão, N. M. M. (orgs). (2006). **Discutindo identidades**. São Paulo: Humanitas, CERU.
- Lucena, F.C. (2007). **Negros misturados**: um estudo de caso sobre identidade em Mossoró-RN. Dissertação. Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. [Link](#)
- Mauss, M. (1974). **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU.
- Sayad, A. (1998). **A imigração: ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp.
- Seyferth, G. (2002). O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre racismo. In: Seyferth, G.; Bento, M.A.S.; Da Silva, M.P.; Pereira, J.B.B.; Siqueira, M.de L.; Silvério, V.R. & Gomes, J.B. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis; Abong.
- Seyferth, G. (2011). A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 26(77), 47-62. [Link](#)
- Tedesco, J. .C & Grzybovski, D. (2011). Senegaleses no norte do Rio Grande do Sul: integração cultural, trabalho e dinâmica migratória internacional. **Revista Espaço Pedagógico**, 18(2), 336-355. [Link](#)